

**ANÁLISE LINGUÍSTICA DO *NI* COMO VARIANTE DA PREPOSIÇÃO *EM***

Evangeline Ferraz Cabral de Araújo^{††††††††}
(UESB)

Valéria Viana Sousa^{††††††††}
(UEB)

RESUMO

O uso do item linguístico *NI*, variação da preposição *EM*, geralmente, é enquadrado à classe menos escolarizada de uma comunidade (PAES, 2013) e, muitas vezes, é tido como elemento identitário dos falantes da zona rural, presente apenas na modalidade falada. No entanto, Ferrari (1997) postula que a variante *NI*, a revelia desse rótulo (pré) estabelecido, tem sido um item linguístico, cada vez mais, presente na fala comum do Português Brasileiro, tanto no Português Culto quanto no Popular. Sabendo que autores como Cunha e Cintra (1985) e Bechara (2009) consideram mais de um sentido para a preposição *EM*, a proposta desta pesquisa é observar se, ao usar o item *NI*, os falantes conquistenses fazem uso dessa variação de forma análoga a quando utilizam a preposição *EM*, em referência ao ESPAÇO > TEMPO > TEXTO/PROCESSO. Além disso, procuramos identificar qual das três referências é a mais utilizada na fala desses informantes. Então, com o objetivo de realizar um estudo mais profundo acerca disso, desenvolvemos a parte teórica por meio da revisão de literatura, apoiados nas referências Cunha e Cintra (1985), Ferrari (1997), Rocha Lima (1998), Bechara (2006), e Paes (2013) e a parte da aplicação teórica por meio da análise de entrevistas dos *Corpora* do PPVC e do PCVC.

* Mestranda em Linguística (PPGLin) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, integrante do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. Bolsista CNPq (evangelinecabral@hotmail.com).

** Doutora em Letras (área de concentração em Linguística e Língua Portuguesa) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Professora Titular da Área de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, coordenadora do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. (valerivianasousa@gmail.com).

††††††††
††††††††



INTRODUÇÃO

A língua, como objeto social, apresenta divergências entre as normas culta e popular, entre as modalidades escrita e falada. Paralelo a isso, as formas linguísticas tendem a ser classificadas e, conseqüentemente, valorizadas de acordo com as camadas sociais que as utilizam.

No que diz respeito à língua que os falantes do Português Popular ou do Português Culto utilizam, Paes (2013) postula que há uma classificação social que discerne os “tipos de língua”, sendo que isso nada mais é do que as “variedades linguísticas”. Tomando, então, como base essa classificação, a norma culta está relacionada aos falantes que pertencem às camadas mais prestigiadas no âmbito social e, também, àqueles que têm acesso à escola. Em decorrência disso, o uso da norma culta confere ao falante considerável prestígio no âmbito social. Ao contrário, a norma popular está inserida em um contexto, cujos falantes possuem um baixo grau de escolaridade e, por conseguinte, muitas vezes, um baixo prestígio social.

Ao se considerar esses aspectos, a língua se apresenta como um objeto heterogêneo, pois, para tanto, é levado em conta a relação existente entre língua e sociedade, uma vez que os fatores sociais influenciam no processo de variação linguística. Nessa perspectiva, a língua em uso varia de acordo com a necessidade comunicativa dos falantes, de modo que os fenômenos linguísticos ocorrem e vão além das regras estipuladas.

As preposições são elementos da língua que apresentam derivações de sentido de acordo com os seus usos, sendo que, segundo Bechara (2009), elas possuem um sentido unitário, pois cada preposição tem o seu sentido primário, fundamental, e, conforme o seu contexto de uso, este sentido se desdobra em outros significados advindos dos saberes particulares de cada indivíduo.



Adotando como referência a preposição *EM*, Ferrari (1997) afirma que essa preposição configura-se como uma preposição locativa e passa por um processo de abstratização, seguindo a escala ESPAÇO>TEMPO>TEXTO/PROCESSO, cujo significado pode variar segundo a intenção do falante. Além dessa questão, a pesquisadora observa ainda que a preposição *EM* pode ser combinada com outras palavras, por exemplo, com artigo definido: *em + a = na; em + o = no* etc. Com relação à forma variante da preposição *EM*, o item linguístico *NI*, variante da preposição *EM*, não é citado em gramáticas normativas, sendo que a variante tem sido um item, cada vez mais, presente na fala comum do Português Brasileiro (FERRARI, 1997). Inclusive, Paes (2013) postula que a variante *NI* costuma ser enquadrado à classe menos escolarizada de uma dada comunidade e, muitas vezes, essa forma é tida como elemento identitário dos falantes da zona rural.

Diante disso, esta pesquisa pretende observar, em uma amostra composta por doze (12) entrevistas, sendo seis (06) do *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC) e seis (06) do *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista, se os falantes conquistenses utilizam o item linguístico *NI* referindo-se a ESPAÇO>TEMPO>TEXTO/PROCESSO, buscando identificar quais das três referências é a mais utilizada. Além disso, levantamos a hipótese de que, mesmo havendo a derivação de sentido na variante *NI*, o sentido de preposição locativa ainda é a mais frequente na fala dos informantes de Vitória da Conquista.

O presente trabalho está dividido em duas partes: na primeira, apresentamos as teorias que dão margem ao estudo do objeto de pesquisa em questão; a segunda parte é composta pelas análises e discussão dos dados, além das considerações finais e referências.



VARIANTE *NI* E A PREPOSIÇÃO *EM*

Castilho (2010) advoga que “as preposições são palavras invariáveis que atuam como núcleo do sintagma preposicional”. (p.583) Além disso, elas podem desempenhar três funções diferentes. A saber:

1. Função sintática: ligação de palavras e sentenças;
2. Função semântica: de modo geral, apresenta o sentido de localização no espaço;
3. Função discursiva: acréscimo de informações secundárias ao texto e organização do texto.

Conforme o autor, Ilari et al. (2008) defende que as preposições podem ser divididas em simples e complexas, sendo que as de caráter simples podem ser classificadas em mais gramaticalizadas^{§§§§§§§§§§} e em menos gramaticalizadas. Inclusive, Castilho (2010) ressalta que o processo de gramaticalização das preposições apresenta três passos, a saber: (1) recategorização de outras classes, (2) regramaticalização de preposições já existentes, e (3) desaparecimento de preposições. Em relação à variante *NI* e à preposição *EM*, o que ocorre é um processo de desaparecimento de preposições, pois uma preposição é, ao longo do tempo, pode ser substituída pela outra, sendo que, por algum tempo, ambas convivem juntas, até que uma delas desapareça (p.590). Assim, verifica-se que ambos os itens têm ocorrido na fala dos conquistenses, sem que um substitua o outro.

No caso de *em* [...] temos um caso de regularização morfológica. A preposição *em* dispõe de uma forma de base, o ditongo nasal [ẽy] e das formas amalgamadas *no*, *na*, *numa*, de que *ni* representa uma sorte de neutralização da categoria de gênero. (p. 590)

^{§§§§§§§§§§} As preposições mais gramaticalizadas são, mais facilmente, amalgamadas a outros elementos linguísticos. Além disso, elas possuem um valor semântico mais complexo, podendo funcionar como introdutoras de argumentos e de adjuntos, sendo, assim, mais frequentes que as menos gramaticalizadas. (CASTILHO, 2010)



De acordo com Cunha e Cintra (1985), a preposição *em* apresenta dois sentidos: movimento e situação. No que diz respeito ao primeiro sentido, os autores a definem como “superação de um limite de interioridade; alcance de uma situação dentro de” (p. 556). Em relação ao segundo sentido, a preposição *em* seria uma “posição do interior de, dentro dos limites de, em contato com, em cima de” (p. 557). Em contrapartida, Bechara (2009) vai além, apresentando dez sentidos para a preposição *em* *****.

Nessa perspectiva, ao propor uma análise do item linguístico “ni”, variante da preposição *em*, Ferrari (1997 *apud* PAES, 2013) procurou mostrar que o mesmo “provoca refinamento das relações semântico-cognitivas estabelecidas pela preposição locativa no sistema linguístico”, concluindo que os falantes selecionam a forma linguística *EM* para se referirem a locativos concretos, e a forma *NI* é selecionada para locativos abstratos (p.50).

A seguir, serão apresentados postulados da corrente teórica funcionalista e, também, sociolinguística, teorias fundamentais para o aprofundamento desse estudo.

CORRENTE TEÓRICA FUNCIONALISTA

O princípio chave da teoria funcionalista é a noção de que o sistema funcional das línguas é determinado para uma finalidade e pela natureza das suas funções características. Segundo Hopper (1991, *apud* Gonçalves et. al, 2007),

[...] a gramática de uma língua é sempre emergente, ou seja, estão sempre surgindo novas funções/valores/usos para formas

***** A) Lugar onde, situação, em sentido próprio ou figurado; B) Tempo, duração e prazo; C) Modo, meio; D) Nova natureza de um ser; E) Preço, avaliação; F) Fim, destinação; G) Estado, qualidade ou matéria; H) Causa, motivo; I) Lugar para onde se dirige em movimento, em sentido próprio ou figurado; J) Forma, semelhança, significação de um gesto ou ação.



já existentes e, nesse processo de emergência [...] é possível reconhecer graus variados de gramaticalização que uma forma vem a assumir nas novas funções que passa a executar, tornando-se imperioso, então, contar com recursos que permitam identificar os primeiros estágios desse processo de mudança [...]. (p.79)

Desse modo, no campo do FUNCIONALISMO, encontra-se a Gramaticalização que, de acordo com Gonçalves et. al. (2007), é tida como as mudanças nas propriedades sintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas de um item linguístico, tais mudanças, a rigor, provocam a alteração do estatuto categorial e/ou semântico de um item da língua. Além disso, Heine et al. (1991, *apud* Abraçado, 2006) afirmam, corroborando com a discussão, que a gramaticalização engloba “tanto o percurso de um morfema de estatuto lexical para o gramatical, como o percurso do estatuto menos gramatical para o mais gramatical.” (p.132).

Mattos e Silva (2008) apresenta uma série de definições da Gramaticalização de vários autores, inclusive, Ataliba de Castilho, que afirma que a gramaticalização pode ocorrer em vários grupos gramaticais e, também, em preposições e conjunções.

Atento em possibilitar a identificação de tendências de gramaticalização na língua em uso, Hopper (1991, *apud* Gonçalves et. al, 2007) apresenta cinco parâmetros que permitem a identificação de tendências de gramaticalização na língua em uso, sendo que estas mudanças que acontecem não são somente como mudanças gramaticais. São cinco esses parâmetros: estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização.

[...] esses princípios acentuam o caráter gradual da gramaticalização, uma vez que conferem aos elementos analisados o grau de ‘mais’ ou ‘menos’ gramaticalizados, não visando, portanto, verificar se eles pertencem ou não à gramática [...]. (GONÇALVES et. al., 2007)



Levando-se em consideração os parâmetros postulados por Hopper, o presente trabalho focalizará dois deles, a saber: *estratificação* e *persistência*. O primeiro princípio se dá quando, no domínio funcional, novas formas estão emergindo e coexistindo com as formas antigas. Além disso, conforme este princípio, a substituição da forma antiga pela forma nova não acontece imediatamente ou pode não ocorrer, sendo que as duas formas passam a coexistirem em um mesmo domínio.

Em suma, Hopper observa que a estratificação não elimina as formas antigas, substituindo-as pelas novas, mas ela agrupa as duas num mesmo domínio funcional, “de forma sutilmente diferenciadas que têm, aproximadamente, o mesmo significado” (GONÇALVES et. al., 2007).

O outro princípio postulado por Hopper que dá margem a esta pesquisa é o Princípio da *Persistência*. Esse acontece quando alguns traços semânticos da forma-fonte são mantidos na forma gramaticalizada, sendo que isso pode ocasionar restrições sintáticas para o uso dela. Podemos notar no trecho abaixo, retirado da entrevista de um informante, exemplos de *estratificação* e *persistência*, cujos itens linguísticos *EM* e *NI* coocorrem na mesma fala, com o sentido de ESPAÇO:

- INF: Tem sim hoje tem que ser {INIT} bonitas, né, linda magérrima e corpo escultural, né, cabel' nem se fala {risos} então a gente vê assim hoje num... num tem nada **ni** novela é brigas, né, eh... o pa... a filha não respeita o pai o pai não respeita o filho que mesmo que... o pai tem que respeitar o filho também sentá e conversa não hoj' é briga hoje a gente vê cenas horrorosas de sexo **ni** televisão que num precisava coloca aquil' quer dizer vai falar da família que família? Que o pai briga o fi... a filha leva namorad' pra dormir **em** casa tudo bem que eu sou careta mas eu acho um horror umas criança com quinze dezesseis ano já ir levar namorad' pra dormir **em** casa, né, a m... a mãe lá com o marido e num instante

arranja ôtro homi novinho e bota dentr' de casa assim cabô o diálogo o respeito que antigamente tinha [...] (J.V.B., mulher, 54 anos, PCVC)+++++++

Além dos parâmetros apresentados por Hopper, este estudo se encaixa em outro princípio que está dentro da Gramaticalização: a unidirecionalidade.

O PRINCÍPIO DA UNIDIRECIONALIDADE EM FOCO

Conforme Abraçado (2006), Heine et al. (1991) postulam que o processo de gramaticalização é operado por meio de mecanismos metafóricos contínuos, sendo que o exemplo mais clássico disso são as mudanças que fazem o percurso ESPAÇO > TEMPO > TEXTO/PROCESSO, nas quais, em um dado momento, elementos designativos de espaço passariam a expressar a noção de tempo.

Para o caso particular de elementos argumentativos, a escala proposta por Heine *et al.* (1991) é a seguinte: ESPAÇO > (TEMPO) > TEXTO. Segundo eles, esta escala também representa um processo unidirecional que parte do [+concreto] para o [+abstrato]: elementos designativos de espaço [+concreto] passariam a ser usados como organizadores do universo discursivo [-concreto] [...]. (ABRAÇADO, 2006)

Diante disso, este estudo propõe uma análise da variante *NI*, buscando investigar se esse elemento apresenta um processo de abstratização no que diz respeito ao sentido, referindo-se a ESPAÇO>TEMPO>TEXTO/PROCESSO, como por exemplo:

- **ESPAÇO:** A terra do me... do pai dela fica **ni** Caetanos e a terra de meu pai im Belo Camp' (E.P.S., homem, PPVC)
- **TEMPO:** [ficava lá] olhano os ôtro dança, não dançava {risos}...soltá... **ni** São João... soltá bombinha... (J.P.R. B, mulher, 80 anos, PPVC)

+++++++ Exemplo retirado do *corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista.



- **TEXTO/PROCESSO:** cê querer se amostrá pra ninguém mas você vai crescer **ni** espírito **em** graça, né (J.V.B., mulher, 54 anos, PCVC)#####

O NI DO PONTO DE VISTA DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Se, por um lado, podemos afirmar que do ponto de vista do Funcionalismo/Gramaticalização há, na análise da preposição EM e sua forma variante NI, um exemplo dos princípios de estratificação e persistência; por outro lado, podemos, também, perceber que, na Sociolinguística Variacionista, teoria na qual a língua é analisada a partir do vernáculo de uma comunidade e, que, assim, há o reconhecimento de formas variantes, ou seja, duas ou mais formas distintas que em uma comunidade de fala são usadas para expressar o mesmo significado ou função (TAVARES, 2013). Logo, o objeto de estudo da sociolinguística é a variável linguística, isto é, o elemento variável a ser investigado. Dessa maneira, do ponto de vista da sociolinguística variacionista, a variante NI e a preposição EM coocorrem, representando uma variação estável.

Na sequência, segue a parte teórica sendo colocada em prática.

A TEORIA NA PRÁTICA: ANÁLISE DOS DADOS

Com base na hipótese de abstratização, proposta pelos estudos da gramaticalização, os itens linguísticos NI e EM apresentam uma tendência de refinamento no que diz respeito ao nível semântico da preposição, a princípio, classificada apenas como locativa (FERRARI, 1997). Na amostra em estudo, percebemos que os falantes do Português Culto e do Português Popular de Vitória

Exemplos retirados dos *corpora* do Português Popular de Vitória da Conquista (*corpus* PPVC) e Português Culto de Vitória da Conquista (*corpus* PCVC)

da Conquista utilizam a variante *NI* fazendo referência a ESPAÇO> TEMPO> TEXTO/ PROCESSO, corroborando o que foi dito por Heine et. al. (1991, *apud* Abraçado, 2006) sobre os mecanismos metafóricos contínuos que operam no processo de gramaticalização e evidenciando as mudanças que fazem o percurso ESPAÇO> TEMPO> TEXTO/PROCESSO. Segue, abaixo, a quantificação dos dados encontrados no recorte analisado:

Tabela 1: Quantificação dos dados *NI* no *corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista (PCVC)

INFORMANTES	E s p a ç o	T e m p o	Texto/P rocesso	Casos Espec iais	To tal
1. J. V. B.	8	0	3		11
2. C. B. S.	1	0	0		1
3. A. S. A.	0	0	1		1
4. F. S. L. B.	1	0	0		1
5. H. F. D. S.	0	0	0	1	1
6. D. A. O.	1 2	1	3		16
TOTAL	2 2	1	7	1	31

Tabela 2: Quantificação dos dados no *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (PPVC)

INFORMANTES	Espaço	Tempo	Texto/processo	Casos especiais	Total
1. J. P. R. B.	7	1	1	0	9
2. G. N. B.	4	1	2	0	7
3. A. A. B.	7	0	1	0	8
4. E. F. O.	7	2	0	0	9
5. E. P. S.	4	0	2	0	6
6. J. A. P.	18	0	2	0	20
TOTAL	47	4	8	0	59

As tabelas anteriores apresentam os doze informantes selecionados para esta análise, sendo que eles foram estratificados de acordo com o sexo ao qual se encaixam. Assim, os três primeiros informantes de cada *corpus* são do sexo feminino, e os três últimos são do sexo masculino. Então, com base na análise dos dados, constatamos que os falantes, tanto do Português Culto de Vitória da Conquista quanto do Português Popular, utilizam a variante *NI* referindo-se a *ESPAÇO*> *TEMPO*> *TEXTO/PROCESSO*, totalizando 90 ocorrências do *NI* nas entrevistas analisadas. Além disso, constatamos que o sentido mais utilizado pelos informantes foi o de *ESPAÇO*, confirmando a hipótese apresentada anteriormente de que o sentido locativo é o mais frequente na fala dos conquistenses mesmo havendo a menção a outros sentidos. Assim, o total foi de

69 ocorrências se referindo a ESPAÇO, vindo, em seguida, o sentido de texto processo, com 15 ocorrências, e, por fim, o de tempo, com 5 ocorrências. §§§§§§§§§§

A seguir, apresentaremos os gráficos com a porcentagem dos dados encontrados:

Gráfico 1: Porcentagem dos dados no *corpus* PCVC.

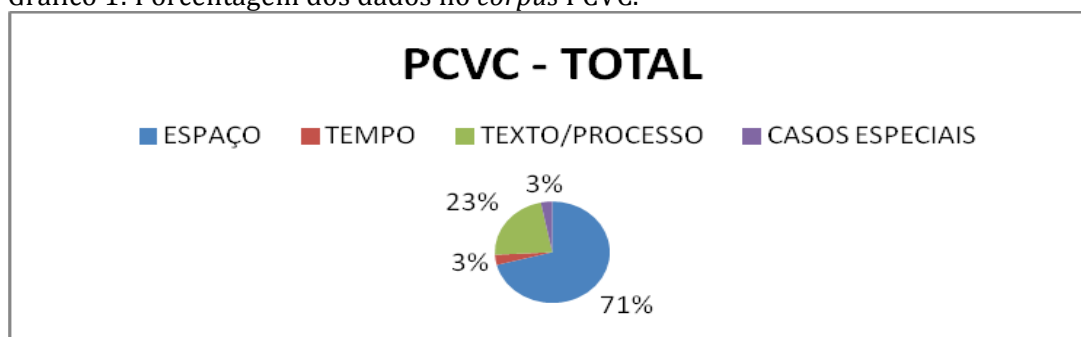
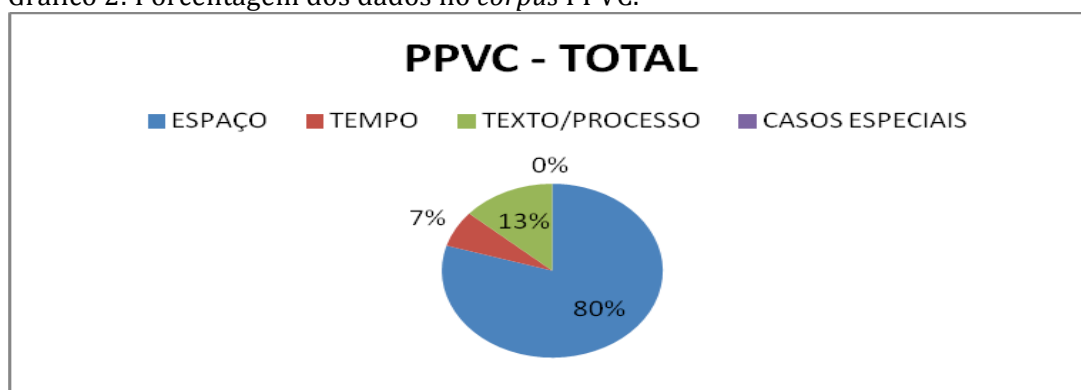


Gráfico 2: Porcentagem dos dados no *corpus* PPVC.



No que diz respeito ao gênero dos informantes, nos dois *corpora*, o NI, referindo-se a ESPAÇO, ocorreu com mais frequência, tanto no sexo feminino quanto no masculino.

§§§§§§§§§§ Das categorias aqui delimitadas, optamos, então, por realizarmos, em um momento posterior, uma pesquisa específica sobre o que, por enquanto, denominamos como casos especiais.



No que diz respeito ao gênero dos informantes, nos dois *corpora*, o *NI*, referindo-se a ESPAÇO, ocorreu com mais frequência, tanto no sexo feminino quanto no masculino. Assim, 69% das ocorrências do item *NI*, por parte dos informantes cultos, sexo feminino, sinalizam o uso direcionado ao espaço. Percentual bastante próximo ao uso realizado pelos informantes cultos do sexo masculino que totalizou 72%.

A média de maior uso se manteve, também, entre os informantes do português popular. Em nossas ocorrências, o sexo feminino utilizou 75% do item linguístico para se referir ao espaço, sendo que, no sexo masculino, o número de ocorrências referindo-se ao espaço totalizou 83%.

Por fim, concluímos confirmando o postulado de Ferrari (1997), ou seja, mesmo que o uso da variante *NI* seja associado à classe popular de determinada comunidade, é notável a presença dessa variante, também, na classe culta. Inclusive, os falantes dessa categoria também utilizam o *NI*, de forma mais frequente, com o sentido de preposição locativa, mesmo que a referência diga respeito a locativos abstratos:

- [...] quando 'cê volta 'cê chega lá no final da obra aí 'cê volta pra conferí aquele trabalho ali todo quando 'cê chega **ni** um às vez' tem um fazeno o serviço errado [...]*****
- Pegava laranja... jogava **ni** ôto, dizia que era uma bola {risos}... num tinha nem boneca... num tinha nenhuma boneca pra brincá...[era assim]...††††††††††

***** Informante D. A. O. (*Corpus* PCVC, masculino, Faixa Etária 3)

†††††††††† Informante J. P. R. B. (*Corpus* PPVC, feminino, Faixa Etária 1)



CONCLUSÕES

Constatamos, neste trabalho, que a variante linguística *NI* apresenta mais de uma função no discurso dos conquistenses, sendo que foram encontrados dados linguísticos nos três sentidos apresentados aqui: ESPAÇO>TEMPO>TEXTO/PROCESSO. Assim, constatamos a hipótese levantada anteriormente de que mesmo que os falantes utilizem a forma linguística *NI* para se referirem, além de ESPAÇO, a TEMPO e TEXTO/PROCESSO, o sentido unitário de preposição locativa ainda é o mais usado. Em contrapartida, o sentido de TEMPO foi o menos usado. Então, de acordo com os pressupostos funcionalistas, esse sentido pode ser considerado, com relação à frequência de uso, como o mais marcado no recorte analisado.

REFERÊNCIAS

- ABRAÇADO, Jussara. **A unidirecionalidade e o caráter gradual do processo de mudança por gramaticalização**. IN: Scripta, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p.130-148, 1º sem. 2006.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 37.ed.revista, ampliada e atualizada conforme o novo acordo ortográfico.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 2.ed
- FERRARI, Lilian Vieira. **Variação e cognição: o caso das preposições em e ni no Português do Brasil**. Disponível em: <<http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/view/261/274>> (acesso em 13 de Nov. de 2013)
- GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; CARVALHO, Cristina dos Santos. **Introdução à**



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Gramaticalização. Sebastião Carlos Leite Gonçalves; Maria Célia Lima-Hernandes; Vânia Cristina Casseb-Galvão (org). São Paulo: Parábola editorial, 2007.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da Linguística Histórica: ouvir o inaudível.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PAES, Maria Bethania Gomes. **A Preposição NI em Vitória da Conquista: usos e avaliação do falante.** 99 p. [Dissertação de Mestrado] Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens. Campus I. Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia, 2013.